

A trajetória masculina no mundo da dança na sociedade moderna brasileira

Antonio Carlos Moraes

Universidade Federal do Espírito Santo

Rayane Natividade Dias da Costa

Universidade Federal do Espírito Santo

Paula Cristina Costa Silva

Universidade Federal do Espírito Santo

Erineusa Maria Silva

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

Este artigo visa percorrer, através de incursão documental sobre o mundo da dança na sociedade moderna e sobretudo em sua prática na cidade do Rio de Janeiro. O objeto do trabalho é a presença do homem nos vários contextos em havia a prática da dança, seja nos espaços da alta sociedade, nos salões de frequência predominante masculina ou nas ruas na forma do lazer e da sátira, como é o caso do carnaval. Nesse estudo coube nossas reflexões pessoais, considerando nossa experiência no campo da dança e as valorosas contribuições dos jornais de época, quando nos concentramos no cotidiano do século XIX e início do Século XX. As maiores contribuições partem das crônicas do Jornalista Delso Renault, que compilou inúmeras reportagens de época onde a presença do homem no mundo da dança não reflete o atual momento em que a predominância da presença feminina nos salões e nos

palcos nos revela uma imagem de que o homem abandonou, se afastou ou foi excluído por algum motivo no cenário que envolve a dança. Nesse sentido o trabalho no levou analisar a trajetória do homem na dança e como esse gênero se fez e se faz ausente ou presente em determinados espaços sociais. Além de Delso Renault, fizemos incursões pela literatura discutindo o cotidiano e sua transformação moral, religiosa, artística e sócio-econômica, uma vez que a dança deixa de ser um aspecto meramente lúdico, de aproximação corporal de homem e mulher e passa, em boa parte de sua prática, por um ato profissional.

Palavras Chaves: Cultura, Dança, Masculino e Cotidiano

Introdução

O século XIX foi, segundo grandes historiadores como Boris Fausto (1998) e Tomas Skidmore (2000), o da arrancada do Brasil rumo à vida moderna. Com a vinda da Família Real Portuguesa, o país teve acesso a ambientes e costumes diferentes dos que eram conhecidos e modificou sua vida social.

Tal como nos grandes centros urbanos europeus, a vida no Brasil deveria seguir as novidades e assumir um processo de educação da sociedade de forma a garantir práticas e eventos culturais que atendessem à demanda da burguesia emergente em seus comportamentos.

De modo particular, somos parte dessa herança de formação e costumes europeus e aspiramos algumas práticas de classe média e alta. Dentre essas as danças sociais, que diferentes das danças do Brasil Colônia que tinham influências indígenas e africanas, irão definir-se como um ícone de distinção de classe e de educação e serão praticadas em ambientes fechados como clubes e teatros. Nesse sentido, estamos discutindo a ausência da figura masculina na dança atual, na busca da linha do tempo que identifica o momento em que homens e mulheres constroem novas posições sociais.

Sobre Gênero, dança e escola

Sabe-se que a sociedade estabelece padrões comportamentais para o corpo dos indivíduos e que estes se encontram permeados de atitudes que influenciam na concepção do significado de gênero. Durante todo o processo histórico, a cultura incumbiu-se de mostrar as distinções da natureza e também de tentar constituir um modelo de comportamento diferente para homens e mulheres.

Toda esta questão do corpo deveria ser respeitada e pensada como forma de engrandecer os indivíduos e seus saberes, pois “há corpos diferentes porque as sociedades não são iguais e porque os corpos são a expressão das diversas culturas, que se manifestam por gestos e técnicas corporais próprias.” (Aragão, 2001: 120).

A escola, desde sua criação, tem sido considerada um espaço onde a separação entre meninos e meninas é normal, o que acaba por produzir distinção e desigualdade que fortalece a idéia de que as diferenças de gênero são naturais. São modelos de estereótipos. Nesse sentido, a escola deveria ter projetos que respeitassem a particularidade dos alunos, atentando-se para os desafios da contemporaneidade e, por a dança ser um elemento cultural, que de arte e educação, ela seria uma forma de atender essas necessidades.

Na contemporaneidade há uma confusão sobre os conceitos de sexo e gênero, pois, para o senso comum, os dois possuem o mesmo significado. Alguns autores explicam essas diferenças, como o gênero relacionado a um contexto cultural, psicológico e social e ser um produto social, aprendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações (Cunha Jr, 1996).

Já os autores que conceituam sexo, dizem que este está relacionado à “noção de sexo, que define o homem e a mulher pelo seu equipamento biológico”. (Saraiva, 2003: 140). Em seu entendimento, Goellner (2008: 76), afirma que sexo é o “termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres, e vice-versa”. Em seus estudos, Guacira Louro (1997) afirma que a questão de gênero deve ser compreendida de uma forma mais ampla e que não deve ser pensada apenas como indivíduos que se

fazem homens ou mulheres, mas também como uma identidade aprendida através das instituições sociais. Para a autora, gênero é definido por um conceito plural, isto é, conceito de feminino e masculino histórica e socialmente diversos.

Portanto, notamos que os papéis desempenhados por homens e mulheres na dança advêm do que é construído socialmente e podemos nos apoiar nos conceitos de gênero apresentados para apreendermos como ocorreu e ainda ocorre a participação masculina na dança.

Breve trajetória do homem na Dança Ocidental

O ballet tem um histórico de domínio dos homens e com um modelo de masculinidade ocidental, onde predominava a aristocracia, o refino e os gestos corporais delicados, uso de maquiagem, perucas e roupas pomposas. Era, ao lado da esgrima e de outras práticas corporais, um meio eficaz para formar homens. (Andreoli, 2010)

A dança, sempre foi masculina, as mulheres vão chegando aos poucos, a situação vai mudando e o homem deixa de realizar papéis femininos nos palcos assumindo uma nova postura de masculinidade influenciada pelo nascimento das sociedades burguesas. Segundo Kimmel (1998: 113), “o verdadeiro homem americano era vigoroso, másculo e direto, não era afetado e corrupto como os europeus”. Hanna (1999) ratifica este novo ideal quando afirma que o que passa então a ser cobrado dos homens é a produção, a eficiência, a racionalidade, a produtividade e não mais o refinamento estético.

Dessa forma, adequou-se que o homem que dançava o ballet seria associado ao homossexualismo. Como a dança clássica era um modelo, outras danças passam a serem vistas como representação cultural feminina.

Danças de casais eram dançadas pelas classes dominantes e se amplia pela necessidade da corte ostentar sua riqueza e de comemorar seus festejos. A dança sempre foi vinculada às festas. Entretanto, em alguns países, como a Itália, já estava tornando-se sua representação autônoma, sem depender das partes recitadas, das poesias, dos deuses e dos heróis. Assim, o homem, que

era considerado figura principal na dança, passa a ocupar um lugar subalterno, ou seja, ele deixa de ser herói, enquanto a mulher se eleva a uma esfera etérea, romântica e sublime, tendo sua figura no palco destacada pelos braços do homem.

O homem brasileiro e a dança: alguns apontamentos do século XIX

Também no início do séc, XIX chega ao Brasil, Joseph Antoine Louis Lacombe, que coreografou a primeira apresentação de ballet, realizada no Teatro Régio, no Rio de Janeiro. Delso Renault, jornalista que estuda os costumes da sociedade carioca no séc. XIX, nos revela a presença da dança nos diversos espaços da sociedade. Através de recortes de jornais da época, produziu crônicas que nos permite perceber que, a dança começava a fazer parte dos conhecimentos que compõem a educação dos jovens; as escolas compreendem esta disciplina como forma de uma boa educação e as famílias da elite se interessam por suas variadas representações. “As famílias costumam alugar um tocador de rabeca e ao som do instrumento dançavam o *cotilhão*, espécie de *contra-dança* muito assalvajada”. (Renault, 1984: 64).

Para as famílias menos graduadas também havia diversão. A cidade não era atraente para a população, pois não apresentava o conforto e o ambiente de um grande centro urbano, mas a sociedade vivia de forma feliz com a dança, a música e o teatro como hábitos burgueses. O ensino da dança tornou-se comum para todas as meninas. Os anúncios nos jornais traziam informações e pré-requisitos para realizar o ingresso neste ensino. Renault destaca no Jornal do Commercio de 1820: “O ensino do Francês, do Desenho, da Dança e do Piano é anunciado por uma Sra. Mãe de Família, que educa meninas” (Renault, 1984:128).

As meninas continuaram a ter aulas de dança na escola com toda a vigilância e zelo possível com a intenção de acostumá-las à vida feminina e de fazê-las detestar o vício e amar a virtude para no futuro serem boas mães. As escolas também recebiam os meninos, mas eles faziam aulas em salas separadas.

Neste mesmo período, os bailes de carnaval se tornam uma festa popular e passa a ser restringido pelas autoridades e escandaliza os espectadores por recorrer às vestes travestis. A dança se torna motivo de distração nos bailes, nas reuniões da Corte e nos salões. Dança-se a valsa vienense, a valsa compassada, a quadrilha e a mazurca, que podiam ser aprendidas em aulas.

O interesse pelo aprendizado da dança continua e a dança aborígine influencia vários gêneros de dança popular e é influenciada pelo sapateado, lundu, fado, ciranda etc. Com o passar dos anos, surge a *polca* com um reinado rápido, porém vibrante, no entanto, nas residências elitizadas da cidade do Rio de Janeiro, a *valsa vienense* ou *compassada* ainda é a preferida, a mais tocada e dançada. A dança se torna um princípio de civilidade e docência. Surgem as companhias de bailados e aulas de dança são ministradas no Colégio de Pedro II.

No final da primeira metade do séc. XIX, os bailes de carnaval trouxeram alternativas para que o fracasso dos anos antecedentes não se repetisse. O Jornal do Commercio é destacado por Renault, com a seguinte notícia: “Sentindo o fracasso de bailes anteriores, quando homens tinham de dançar com homens, à falta de damas, este organizador anuncia que as madamas terão entrada franca” (Renault, 1984: 281).

Comparando esse anúncio com a realidade atual percebe-se o oposto, há lugares que para atrair os homens às casas noturnas liberam a entrada de mulheres. Por volta de 1851, a febre amarela fez a população nobre procurar refúgio em outros lugares ou passou a freqüentar as danças e os bailes como forma de se distrair e esquecer esta preocupação. Dessa forma surgiram as primeiras sociedades recreativas, musicais e de dança e os bailes foram introduzidos nos costumes sociais. Os bailes mascarados se tornaram comuns, mesmo fora da época do carnaval e as *quadrilhas*, *contradanças* e *valsas* eram os estilos preferidos a serem tocados.

A música e a dança passaram a fazer parte da educação e assim começou a existir a oferta e procura de professores. Novos gêneros de dança foram exaltados, como o *lundu* e a *caiumba*, dançados pela gente do povo e a *quadrilha*, a *valsa*, a *polca* e a *redowa*, ensinada para a classe nobre. A

influência francesa era bem nítida nesse período, as modas de Paris eram trazidas para a sociedade brasileira.

Todavia, a dança passa a fazer parte da educação das meninas, que logo abandonavam o colégio, enquanto os meninos aprendiam, em classes separadas, os rudimentos da língua portuguesa, do francês e da retórica. “as meninas aprendem a ler, escrever e (...) música e dança. Bem cedo a moça deixa o colégio. Os pais preparam-na para o lar. E ela casa-se muito jovem. (Renault, 1978:128).

A partir desse momento vê-se o afastamento do homem da dança. O homem, por ter de cumprir o papel de macho, é banido das atividades vistas como afeminadas, para que não houvesse possibilidade dele se desvincular do seu desempenho masculino e isto é perceptível nos dias atuais, pois em escolas que ensinam danças, os meninos são liberados para fazer outra atividade, como o futebol.

O canto, a música instrumental e os cursos de danças retomaram seu fôlego social divulgando novos gêneros musicais para se ouvir e dançar. Renault (1982) afirma que, com o surgimento do bonde em 1874, a população passou a se divertir mais e sem se preocupar com a hora de voltar para a casa.

A dança era a diversão da sociedade no ano de 1878. Entre os mais abastados, dançava-se a *polca*, a *mazurca*, a *valsa* e a *quadrilha*. Na folha diária, encontram-se anúncios de professores de dança que lecionam em suas casas e na residência do aluno. Já entre os populares, dançava-se o *lanceiro*.

Com a abertura de várias escolas de dança, percebeu-se um fato interessante: “a princípio, dança homem com homem, mas, a mulher é atraída e paga pelo empresário para a aula prática.” (Renault, 1982: 123). Esta circunstância não foi bem vista pela polícia, o que levou aos empresários recorrerem à justiça o “direito de trocar as pernas, em toda a parte e, sobretudo de portas a dentro”. (Renault, 1982:123).

Hoje, há uma realidade que se difere bastante, pois, em escolas de dança, normalmente, dança-se mulher com mulher e o homem é atraído por incentivos. Há escolas de dança que pagam para homens participar das aulas.

Considerações Finais

Após discorrer participação masculina na dança notamos que esta prática era comum para homens no Rio de Janeiro, e passou a se tornar majoritariamente feminina por volta de 1856 com a introdução da dança na escola apenas para meninas. Entretanto, essa mudança levou certo tempo para se consolidar, pois ainda em finais do séc. XIX, é possível ver na documentação analisada, registros de homens ensinando e aprendendo a dançar. Pensamos que esses apontamentos indicam um caminho a ser continuado em outros estudos para que se verifiquem, no início do séc. XX, quais os demais fatores determinantes que fizeram com que os homens se afastassem da dança social.

Atualmente, notamos que o preconceito com relação ao homem na dança é forte, marcando as relações de gênero e criando “guetos” relacionadas à essa prática, como danças femininas e algumas poucas danças permitidas aos homens como o samba. Assim, uma das possibilidades para a mudança do quadro atual poderá advir das ações no âmbito escolar democratizando o ensino de todos os tipos de dança para todas as pessoas influenciando, da mesma forma como o fez antes, a participação masculina na dança.

REFERÊNCIAS

Andreoli, G. S. (2010). *Representações de Masculinidades na Dança Contemporânea*. Porto Alegre: Artmed.

Aragão, M.; Torres, A.; Cardoso, C. (2001). “Consciência Corporal: uma concepção filosófico-pedagógica de apreensão do movimento”. In: *RBCE*, n.2, Ijuí, 115 -131.

Cunha Jr, C. F. F. (1996). “As Relações de Gênero e o Cotidiano do Professor de Ed. Física: Em Prol de uma Pedagogia Não-Sexista”. In: *EnFEFE* ,Nº1, Niteroi, 25-35.

Fausto, B. *História do Brasil*. São Paulo, 1998.

Goellner, S. V. (2008). "Corpo, Gênero e Sexualidade: Educando para a Diversidade". In: *Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo*. Brasília: ME.

Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 1.ed. São Paulo:Vozes.

Hanna, J. L. (1999). *Dança, Sexo e Gênero: signos de identidade, dominação e desejo*. Rio de Janeiro: Rocco.

Kimmel, M. (1998) "A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas". In: *Horizontes Antropológicos. Corpo, doença e saúde*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS.

Renault, D. (1984) *O Rio antigo nos anúncios de jornais: 1808-1850*. Rio de Janeiro: F. Alves.

_____. (1982). *O Dia-a-dia no Rio de Janeiro: segundo os jornais, 1870-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Brasília: INL.

_____. (1978). *Rio de Janeiro: A Vida da Cidade Refletida nos Jornais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Skidmore, T. E. (2000). *Uma História do Brasil*. São Paulo: Artmed.